
A NATUREZA EM *OS BRILHANTES*, ROMANCE DE RODOLFO TEÓFILO

Felipe Gonçalves Figueira^a

RESUMO

Rodolfo Teófilo foi farmacêutico, político e romancista. Sua produção intelectual compreende desde cursos de botânica e tratados de farmácia a contos e romances. No presente artigo, é evidenciada a importância do discurso cientificista do final do século XIX para a representação da natureza brasileira no romance *Os Brilhantes* (1906), publicado originalmente em 1895.

PALAVRAS-CHAVE: Rodolfo Teófilo; natureza; canção.

Recebido em: 20/10/18

Aprovado em: 01/02/19

Natureza, ciência e canção

Em 1975, Otacílio Colares publicou um livro de ensaios sobre literatura cearense intitulado *Lembrados e esquecidos*. Rodolfo Teófilo mereceu um desses ensaios. Penso ser essa razão suficiente para iniciar esse texto com uma notícia biobibliográfica desse “esquecido” cearense.

Nascido na Bahia em 1853, Rodolpho Marcos Theóphilo¹ foi bem jovem para o estado vizinho, Ceará. Segundo alguns autores, sua identificação

^a Professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), onde é docente do curso de especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

¹ A grafia original do nome é Rodolpho Marcos Theóphilo. No entanto, é usual a grafia atualizada Rodolfo Teófilo cuja forma adotarei também por ser mais corrente.

com esse estado é tamanha, que o escritor não se reconhecia ou admitia que o vissem como baiano. Otacílio Colares informa que “indagado com estranheza porque, sendo baiano, dizia a toda a gente ser filho do Ceará, teria respondido de modo enfático e irretorquível: – sou cearense porque quero!” (COLARES, 1975, p. 39)

No entanto, a Bahia ainda iria indelevelmente marcar a trajetória profissional, política e artística de Rodolfo Teófilo. Foi na Faculdade de Medicina da Bahia que o escritor se formou farmacêutico em 1875. Nesse momento, circulavam e se avolumavam as teorias evolucionistas de Darwin, o positivismo de Comte e outras proposições que impactavam a formação dos jovens nos bancos universitários nacionais. Sobre esse momento histórico e o desenvolvimento dessas teorias em solo nacional, assenta Lilia Moritz Schwarcz (1993, p. 38) que:

Teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo, “um cinemathographo em ismos” (Romeiro, 1911), começam a se difundir a partir dos anos [18]70, tendo como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial (Ventura, 1988). (SCHWARCZ, 1993, p. 38)

O desenvolvimento intelectual dessas teorias transpostas ao objeto artístico imprime uma evidente datação nas obras. Ao mesmo tempo, são essas teorias que, considerado o vivo debate em seu tempo – ou seja, enquanto registro histórico da sua pujança social e política –, tornam a obra de Teófilo um documento redivivo às leituras: reanimando a força dessas proposições metodológicas e teóricas que, naquele momento histórico, foram mobilizadoras de grande parte da intelectualidade nacional. Com base nesse olhar das ciências naturais, o autor desenvolve a busca de uma afirmação de “cultura nacional”: os temas de Teófilo são a seca, os retirantes, a violência dos cangaceiros e jagunços, o poder das oligarquias etc.

É certo, todavia, que nem sempre essas experimentações estéticas encontradas na obra de Teófilo terão seus contornos artísticos bem definidos e harmoniosos. Cito a importante estudiosa de nossa literatura, Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 136, grifos meus), para quem

[...] Hoje, a despeito de algumas qualidades, decorrentes antes dos assuntos do que do *valor literário, seus livros são ilegíveis*. Em [A] *Fome*, onde há uma ou outra cena bem-feita, situações inteiramente falsas e romanescas deturpam o sentido da narrativa. E o estilo é ainda mais empolado que os outros romances. A descrição dos retirantes é um modelo de *mau gosto*: “Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue, a abundância de leucócitos tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes. A sístole e a diástole eram incompletas, acelerados os movimentos do motor da circulação, as válvulas funcionando mal deixavam refluir em parte a onda sanguínea, já bastante reduzida, determinando a anemia do cérebro, causando vertigens, fortes zumbidos nos ouvidos que os flagelavam a todo o instante. [...]”

E como era repugnante o aspecto da pele dos famintos! As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo contra aquele estado fisiológico o maior asseio. A pele, de lisa que era, se tornara áspera e suja; desagregavam-se as escaras de tamanho irregular, ao mesmo tempo que uma secreção fétida destilavam os poros.”

Grifei algumas palavras e expressões no excerto e gostaria de pensar sobre elas para refletir sobre a produção de Teófilo, seu momento histórico e as possíveis leituras de sua obra em tempos posteriores. Em um primeiro momento, percebemos que não é “ilegível” o trecho citado. Embora haja determinada opacidade resultante dos termos científicos empregados – mesmo sem o auxílio de um dicionário –, o leitor consegue compreender o estado calamitoso dos flagelados: é uma descrição de horror, ainda que nos faltem conhecimentos de biologia da natureza humana para examinar todas as imagens. Teófilo e Machado de Assis escreveram suas obras em momento de ruptura epistemológica da sociedade brasileira:

Durante sua viagem de volta ao mundo no navio *Beagle*, que foi a base de *Origin of species* [A origem das espécies] (1859), o naturalista inglês Charles Darwin esteve no Brasil, país que odiou por causa da sua escravidão e da brutalidade dos senhores com os cativos. Mesmo assim, se deixou fascinar com a paisagem e a vegetação das regiões tropicais, apreciadas em sua estadia em Salvador e no Rio de Janeiro, em 1832. Os estudos de Darwin sobre as formas de vida e a luta pela sobrevivência foram lidos e discutidos no Brasil. Debatia-se a origem das espécies, a leitura da evolução e suas possíveis aplicações à literatura, à cultura e à sociedade. Nas polêmicas, os letrados lutavam por suas ideias e grupos, pela “sobrevivência” ou “morte” na cena da literatura e do jornalismo. Época de escritores combativos, polemistas irados, de bacharéis em luta. (VENTURA, 1991, p. 13)

Nesse momento de oposições, conforme descrição de Roberto Ventura, posso situar Teófilo como portador na crença inabalável do desenvolvimento humano pela razão científica. Postura ideológica expressa pelo autor não só em suas obras acadêmicas de botânica ou em seus ensaios historiográficos, mas também nas experimentações literárias. A título de comparação, podemos pensar em Machado de Assis, escritor de *O Alienista* [1882]², como incrédulo da vocação humana ao progresso por meio da ciência, ou, até mesmo, da vocação humana para o progresso. São, portanto, propostas estéticas distintas e em tensão. Em uma perspectiva histórica, essa incomunicabilidade e a má qualidade estética de Rodolfo Teófilo são resultado da derrocada de um discurso pautado no cientificismo e muito vivo a partir da segunda metade do século XIX:

O que se valoriza nesse momento, porém, não era tanto o avanço científico, entendido enquanto incentivo a pesquisas originais, e sim uma certa ética científica, uma “cientificidade

² Informo entre colchetes a data de publicação original da obra quando há interesse de contextualização.

difusa” difusa e indiscriminada. Tanto que se consumiram mais manuais e livros de divulgação científica do que obras ou relatórios originais. A ciência penetra primeiro como “moda” e só muito tempo depois como prática e produção. (SCHWARCZ, 1993, p. 41)

Determinada proposta de progresso então difundida tinha como princípio epistemológico a ideia de que o próprio desenvolvimento do homem estaria inscrito nas leis gerais da natureza. Não haveria, portanto, distinção necessária entre cultura e natureza, “sendo o sistema de conhecimento criado pelos naturalismos fundamentado na busca de leis de caráter homogêneo e universal que descreveriam uma ordem natural em desdobramento linear.” (MURARI, 2009, p.128). Em sua realização, os tópicos, as expressões, as novas descobertas eram transpostas dos discursos das ciências para as obras literárias de diversas formas e representam matizes bastante diversos, mas ligados por esse princípio maior:

Essa é a época em que “a ciência serve de rótulo ao literato” (Paes, 1986:9), o qual toma mais e mais a exterioridade do pensamento científico a fim de garantir uma suposta “objetividade literária”. Com efeito, a moda cientificista entra no país por meio da literatura e não da ciência mais diretamente. As personagens serão condicionadas pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado pelos princípios de Darwin e Spencer, ou pelas conclusões pessimistas das teorias científicas raciais da época [...]. Com efeito, modelos e teorias ganhavam larga divulgação por meio dos heróis e enredos dessa literatura, que pareciam guardar mais respeito às máximas científicas evolutivas do que à imaginação do autor (SCHWARCZ, 1993, p. 43 – 44).

Nesse contexto de disputas entre modelos e teorias cientificistas, a obra de Rodolfo Teófilo guarda singularidade justamente pela transposição quase direta – na maior parte das vezes pela voz dos narradores – de saberes cientí-

ficos de um especialista em Ciências da Natureza. Aquilo que hoje pode ter se tornado ilegível foi, a seu tempo, a exuberância de um discurso científico emanado de um sujeito com verdadeira formação. É na crítica a esse modelo e a seus defensores que Machado de Assis compõe uma novela em que toda a cidade é asilada por loucura. O alienista, dr. Simão Bacamarte, era um “Homem de ciência, é só de ciência, nada o consterna fora da ciência” (ASSIS, 1989, p. 26). E esse sujeito ridicularizado por Machado em *O alienista* [1882] é um bocado de Rodolfo Teófilo e de outros Rodolfos Teófilos de seu tempo, não é possível deixar de observar.

Não apenas a importação de modelos científicos, outra marca da obra de Rodolfo Teófilo é a evidenciação de uma “cultura nacional” intrinsecamente ligada à natureza e a seu conhecimento, seja científico ou popular. Em *Os Brilhantes* há um trecho que ilustra esse argumento apresentado: tendo João Soares encontrado Jesuíno fraco e machucado, identifica em uma de suas feridas uma infestação de tapurus (também chamados berne em algumas regiões do Brasil). Para livrar-se das larvas de mosca nocivas, José Soares usa o conhecimento popular sobre a natureza local para produzir veneno necessário a fim de extinguir o problema:

Era um pequeno vegetal, *exquisito*³, com haste herbácea de pouco mais de trinta centímetros de altura, coroada por uma fronde, uma espécie de chapéu de três bicos.

Estava em flor. Não se podia idear uma inflorescência tão bela. Nunca se viu coisa igual nas floras de outros climas. Era uma joia da terra tropical. Do seio de uma fina verde cana, delicada bráctea, saía a flor, uma pequena espiga de prata, tendo encrustados, à guisa de sementes, pequenos rubis de uma cor rubra de sangue, velava esse primor, guardando-o dos insetos e

³ Para facilitar a leitura, fiz atualização ortográfica e correção tipográfica dos trechos citados, sempre que possível. No entanto, a grafia de *exquisito* parece reminiscência hispanofônica na língua portuguesa, significando, portanto, “de singular y extraordinaria calidad”. Não foi possível encontrar registro nos dicionários vernáculos consultados. Mantive grafia original e incluí o presente adendo.

do vento, uma túnica de uma brancura argentina, cujo tecido era uma trama de entrelinhas, que se reuniam pelos ângulos das arestas, formando um brocado tão fino, tão leve como jamais se viu sair dos dedos de prendada rainha. [...]

Soares espremeu a polpa entre os dedos e deixou cair o suco dentro da ferida. A bicharia, que até então fervilhava muito à vontade naquela podridão, logo que as primeiras gotas do veneno se misturaram à salmoura, assanou-se e os corpos peludos dos *tapurus* executaram toda sorte de movimentos, de cambalhotas procurando sair daquele meio. (TEÓFILO, 1906, p. 393-394)

O discurso científico – cujo objeto descritivo é a natureza – é construído dentro da narrativa ocasionando certo retardamento no andamento do enredo. Penso ser possível que façamos um paralelo entre essa proposta e a explicação de Auerbach para a “Cicatriz de Ulisses” na *Odisseia*. Segundo o autor germânico, a função do elemento retardador reside “na necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado.” (AUERBACH, 1971, p.3). A pergunta que então organizo para pensar a obra de Rodolfo Teófilo é a seguinte: qual a função do elemento retardador da ação em minuciosas descrições na obra de Rodolfo Teófilo?

Analisando os textos literários do autor a que tive acesso e buscando uma compreensão a partir de suas condições históricas específicas de enunciação, é evidente que esse retardamento se liga a uma proposta estética atrelada a determinado modelo cientificista transposto para a obra literária. É o que vimos no trecho de *A fome* [1890] citado por Lúcia Miguel-Pereira, assim como outros trechos semelhantes em *Os Brilhantes*: um registro não só de protesto às condições precárias da população mais pobre durante a seca de 1877, mas a sua descrição minuciosa desses horrores, feita detalhadamente e com instrumental científico das consequências biológicas dessa situação humana limítrofe.

No trecho supracitado da obra *Os Brilhantes*, há um registro da sabedoria popular para o combate à berne. As adjetivações utilizadas pelo narrador para descrever o tinhorão – planta comum no Brasil, usada inclusive com

fins ornamentais – evidenciam uma elevação da flora nacional: coroada, bela, joia, delicada etc. Ou seja, há um aspecto extremamente positivo da natureza local e da sabedoria popular, que se assenhora dos recursos disponíveis para superar as adversidades. Em contrapeso à seca, que flagela a população, persiste uma exuberância natural. Característica de um país no qual a prática médica encontra em sua raiz histórica a atividade de “curandeiros ‘herbalistas’, herdeiros de conhecimentos africanos e indígenas” (SCHWARCZ, 1993, p. 251)

Jesuíno Brilhante: entre doença e virtudes

A compreensão da inter-relação entre dois elementos é necessária para observarmos a estrutura composicional desenvolvida por Rodolfo Teófilo em *Os Brilhantes*: 1) a ordem social e natural adversa ao indivíduo e 2) o elemento pessoal da patologia que impulsiona o personagem para o crime, segundo o ponto de vista narrativo, inerente a algumas naturezas humanas.

As brigas de famílias, disputas imemoriais nos sertões nordestinos, aparecem como causa exterior para o cangaceirismo de Jesuíno:

Jesuíno viajava com o seu parente Francisco Botelho, autoridade policial do Patu, em tempo de grande agitação popular, devida ao recrutamento que então se fazia. Ao atravessarem uma picada, já ao morrer do dia, foi disparado sobre Botelho um tiro de bacamarte, cuja bala despedaçando-lhe o crânio, matou-o imediatamente.

Jesuíno pode conhecer o assassino, mas não teve coragem de persegui-lo. Imóvel quase assombrado diante do cadáver ficaria ali, se a crise que o estatelou em começo não tivesse depois trazido a mais violenta reação. (TEÓFILO, 1906, p. 56-57)

O meio necessário ao surgimento da patologia de Jesuíno é o de disputas entre famílias por poder político local. Sendo autoridade policial, o falecido Francisco Botelho representava poder econômico de sua família, que se con-

solida politicamente no exercício de funções estatais específicas, mormente em relação ao poder coercitivo. O disparo, conforme trecho cientificista de Rodolfo Teófilo, é a causa imediata para o desenvolvimento da patologia de assassinato em Jesuíno:

O sangue da vítima havia lhe borrifado o rosto, e a fisionomia do Brilhante foi pouco a pouco perdendo a expressão de assombramento, para se carregar de uma ferocidade que metia medo. Aquele semblante plácido de outrora era crispado agora pelas fundas linhas do ódio.

Uma mudança radical havia se operado naquela criatura. Portador da nevrose do homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, mas até então em estado latente, Jesuíno teria talvez logrado viver sem ter matado, se não tivesse sido testemunha do assassinato de seu parente. (TEÓFILO, 1906, p. 57)

Ante essa situação extrema enfrentada, a patologia dada pelo narrador como hereditariedade emerge transformando alguns aspectos da subjetividade de Jesuíno. A constituição de situações-limite no romance e o desvelamento da natureza humana são a consubstanciação de determinadas ideologias científico-estéticas:

O sentimento predominante é o do inexorável, o fatalismo derivado da imposição de leis naturais sobre a humanidade, refletindo na narração de trajetórias em que a camada superficial da civilização se dissolve sob a pressão de circunstâncias do meio, de forma que a profundidade da natureza humana viria à tona. As personagens tornam-se, neste contexto, documentos da condição do homem quando exposto a circunstâncias pretensamente “verdadeiras” que aquelas vividas na estabilidade da experiência burguesa. (MURARI, 2009, p. 127)

Segundo essa proposição, as situações divergentes social e subjetivamente, as patologias, a marginalidade, a necessidade etc. seriam capazes de expor a dimensão do homem, escondida pela “normalidade” da vida cotidiana e rejeitada pela “estabilidade da experiência burguesa”. Neste sentido, podemos compreender uma estética relacionada com as “manifestações incontrolláveis do instinto e nas situações-limite da vida biológica, em particular os desequilíbrios nervosos, as patologias sexuais, as anomalias hereditárias e as reações do homem frente às circunstâncias extremas do meio.” (MURARI, 2009, p. 127). A obra de Rodolfo Teófilo como um todo tem justamente esses “motes”, como a seca; as violências físicas e morais; a violência sexual especificamente; a migração; a exposição e flagelo do corpo: são temas relacionados com situações extremas e bem distintas de determinada proposição modernizadora de sociedade e de aspiração à *belle époque*, vivida pelas camadas mais abastadas de Fortaleza naquele momento.

Outras situações-limite despertam fobias em Jesuíno: o encontro com cascavéis e a viagem de barco. Nesses episódios, não é a disputa com outros homens que desvela os aspectos interiores do espírito da personagem, mas a própria natureza:

A noite em breve acabou de encher o vácuo, cobriu o homem, a rocha, e se derramou, no espaço. Jesuíno completamente cego, *cercado de precipícios, conservava inteiro o seu valor*. Com a maior precaução procurou às apalpadelas o tronco de uma árvore para se trepar e passar a noite. Ainda bem não tinha movido os pés três vezes, ouviu soar perto de si o cascavel de uma cobra. Nada mais foi preciso para esmorecê-lo. [...]

O Brilhante acreditou que estava no reino das cobras venenosas e desanimou. Não pelo medo de morrer picado por elas, mas pela repugnância, *pelo horror que seus nervos tinham a tais répteis*. Ficou de pé e imóvel. (TEÓFILO, 1906, p. 164. Grifos meus)

O episódio contribui pouco para o desenvolvimento do entrelhecho da obra. No entanto, o narrador – orientado pela necessidade científica de acla-

rar – para que todas as causas e condições naturais que dão causa à condição naturalmente patológica de Jesuíno estejam evidenciadas, descreve a noite em que o chefe de bando passa no escuro imobilizado pela fobia de cobras. Não apenas, é por meio dos reiterados recursos de colocar o personagem no limite das suas capacidades que temos acesso à interioridade do personagem em constante conflito. Após o assassinato de um opositor por Jesuíno, transcorre a seguinte cena:

Estava hedionda e metia medo a figura do mulato. Os doze homens, que compunham o bando, pararam os cavalos e rodearam o cadáver espantados e boquiabertos. Nenhum ousava falar. Seguiram e pouco caminharam para encontrar o corpo de Francisco Calangro. Maior foi a decepção, maior o desânimo. Estavam diante do cadáver do chefe. Todos profundamente tristes, alguns choravam em silêncio. [...]

Jesuíno viu-os chorar e se doeu deles. [...]

O coração do Brilhante nutria certos sentimentos de piedade, que faziam um contraste perfeito com a crueza que ostentava nos momentos de vingança. (TEÓFILO, 1906, p. 142-143)

Há, no referido excerto, uma disputa de pulsões que marcam o romance. Se de um lado Jesuíno é um homem violento e impetuoso, por outro é também um homem elevado, distinto pelo código ético sertanejo pelo qual vive e impõe aos demais. É a descrição do estado de espírito do personagem, em um momento limítrofe, que permite ao leitor embrenhar na subjetividade desse homem patológico e feroz, sendo, ao mesmo tempo, honrado e piedoso.

Seus sentimentos elevados não são percebidos apenas quando enfrenta outros homens ou animais: a seca de 1877 representada no romance é, também, uma inimiga poderosa contra a qual o herói se digladiava. A potência da natureza, muito superior à força dos homens comuns, é descrita com pujança na parte final do romance, como observo:

Era a seca, que chegava acompanhada de seu cortejo de misérias e tribulações.

Os campos enegreciam com as folhas, que o sol crestava e o vento atirava ao chão.

As águas desapareciam das fontes, e os rios iam pouco a pouco se reduzindo a regatos prestes a cortar. [...]

As searas não tinham produzido uma espiga, e os celeiros vazios de todo preludiavam bem a conflagração que a fome levantaria em todo o sertão, logo que escasseasse o recurso das raízes silvestres. (TEÓFILO, 1906, p. 199-200)

No fragmento a seguir, vemos o encontro do bando com um grupo de esfomeados, flagelados pela grande seca que se aplacou sobre o Ceará:

Cerrou as pálpebras e de olhos fechados via o quadro que pensava ser uma fantasia de seus sentidos. Continuava a ouvir os sons confusos levantados pelos famintos. Quis ver de novo a mó de retirantes a se enovelar, a se esmurrar sobre o repasto e os seus olhos se certificavam da triste realidade. Jesuíno ergueu-se, tinha acreditado por um minuto uma criação caprichosa de sua imaginação, mas tocava a verdade, palpava com todos os sentidos a realidade do quadro. Cercavam-no muitas centenas de desgraçados que, alucinados pela fome e reduzidos somente à animalidade, satisfaziam, como a mais ínfima besta, as necessidades do estomago em longo jejum. [...]

Naquela tela, que tão bem representava a miséria humana, havia tons de uma expressão tão cruciante que os Brilhantes e os freiteiros não puderam conter as lágrimas. (TEÓFILO, 1906, p. 244-246)

Os alimentos destinados aos esfomeados estavam sendo desviados pela parcela dirigente da classe dominante naquele momento, inimiga da família de Jesuíno. Ao perceber essa ação em tudo antiética, o cangaceiro guia seu grupo e toma posse do comboio de víveres, levando-o à Serra do Cajueiro e distribuindo-os entre os famintos de lá. No caminho, é interceptado por um grupo de alucinados esfomeados que se atacam com a comida. Como animais, ao se empossarem do que precisam, os esfomeados mais robustos e ainda dispostos excluem naturalmente os mais fracos, daí as lágrimas que o bando e os freiteiros do comboio derramam. Evidencia-se, assim, que a consciência de Jesuíno é altamente humanitária: tanto ao empreender ações para que os alimentos chegassem aos mais necessitados, quanto ao verter lágrimas ao perceber a condição mísera pela qual aqueles homens, mulheres e crianças estavam vitimados.

Em resumo, são justamente nos momentos de disputa – entre o cangaceiro e outros homens, ou entre o cangaceiro e animais, ou entre Jesuíno e o meio natural – que se revelam os mais variados aspectos do personagem:

Outro aspecto da dualidade darwinista apontada por Hawkins, a natureza como ameaça, está relacionado ao sentimento geral e metafórico da ideia da luta pela sobrevivência na teoria darwiniana, tributária da dinamização do pensamento malthusiano operada pela teoria da seleção natural. *De acordo com o contexto, esta luta poderia dar-se em três níveis, na busca da manutenção da vida e de sua reprodução: a luta entre indivíduos da mesma espécie, a luta de espécies entre si, e luta de um conjunto de espécies de um determinado meio contra as condições de vida dentro deste.* (MURARI, 2009, p. 132. Grifos meus)

Não me é possível afirmar que Rodolfo Teófilo tenha lido Malthus, Darwin ou Spencer. O que espero demonstrar é que aspectos desses pensamentos correntes na época podem ser identificados na obra de Rodolfo Teófilo. É possível projetar, por outro lado, que como cientista e intelectual de seu tempo, o autor possa ter lido esses pensadores ou outros que reverberaram suas propostas. Ao compreender o romance dentro dessa proposta estética,

que buscava trazer a causalidade científica e seus esquemas explicativos para a prática literária, que podemos perceber suas riquezas e nuances próprias.

Não é possível perder de vista que a atividade artística de Rodolfo Teófilo é uma proposição de menor expressão no panorama histórico literário. Dentro das disputas artístico-literárias de seu tempo e, também, entre aquelas que subsistiram a esse tempo, o cientificismo estético de Rodolfo Teófilo é um extremo, dialeticamente superado por outras proposições. No entanto, seu tratamento único dado à natureza e ao homem são de relevante análise já que constituem elo pouco estudado na história de nossa literatura nacional.

Referências

AUERBACH, Eric. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 496. (Col. Crítica, vol. 2).

ASSIS, Machado. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1989. p. 55.

COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1975.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *A prosa de ficção: 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 344. (Coleção documentos brasileiros, 63).

MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870 – 1922)*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 470.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 372.

TEÓFILO, Rodolfo (THEÓPHILO, Rodolpho Marcos). *A fome: cenas da seca do Ceará*. São Paulo: Tordesilhas, 2011. p. 378.

_____. *Os Brilhantes*. 2 ed. Fortaleza: Editor Assis Bezerra, 1906. (Biblioteca da “Padaria Espiritual”). Edição fac-similar por Kessinger Legacy Reprints. p.415.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. p. 207.

THE NATURE IN OS BRILHANTES, RODOLFO TEÓFILO'S NOVEL

ABSTRACT

Rodolfo Teófilo was a pharmacist, politician and novelist. His intellectual production comprises from courses of botany and treaties of pharmacy to short stories and novels. In this article, it is evidenced the importance of the scientific discourse of the late nineteenth century for the representation of Brazilian nature in the novel *Os Brilhantes* (1906), originally published in 1895.

KEYWORDS: Rodolfo Teófilo; nature; *cangaço*.

